

O LETRAMENTO COMO DIRECIONADOR DE EXPERIÊNCIAS DE LEITURA E ESCRITA, NO ÂMBITO DO PIBID LETRAS IFSP - SALTO

Marta José Silvestre de Assis¹

Eliana Camargo dos Reis²

Eliane Aparecida Bacocina³

RESUMO

A desigualdade social brasileira aparece, em nossas escolas, muitas vezes, travestida de dificuldade de aprendizagem. A sociedade penaliza o aluno, individualmente, ao estigmatizá-lo como alguém que não aprende, quando, na verdade, aprender não depende exclusivamente do aluno, mas também de suas condições socioeconômicas. Este trabalho busca demonstrar a forma como a falta ou a baixa presença de letramento na família, antes da chegada do aluno à escola, compromete o resultado de sua aprendizagem. Como metodologia, foram empregados a pesquisa bibliográfica (a partir de autores da área dos estudos do letramento, como Kleiman, Rojo, Soares, dentre outros) e um estudo de caso, realizado numa escola pública parceira do PIBID, no qual foi realizado um acompanhamento de uma estudante, de forma individualizada, buscando conhecer sua realidade social e realizando uma intervenção, a partir da oferta abundante de diversos tipos de gêneros textuais, para aumentar a oferta e o contato efetivo com o texto escrito. Os resultados das atividades semanais, durante o ano de 2023, demonstraram um progresso contínuo na fluência de leitura, bem como na interpretação e produção textual. O trabalho a ser apresentado tem, portanto, a intenção de detalhar este processo, considerando os desafios enfrentados e também o trabalho diário realizado com a estudante, tendo como foco principal o papel da escola como *locus* de produção de conhecimento e a parceria estabelecida entre professora supervisora e pibidiana. Enfatiza-se, a partir deste estudo, a importância fundamental do letramento, tanto antes quanto durante a vida escolar. É flagrante que a oferta, o convívio frequente com a leitura e a produção de textos permitiu um ganho apreciável no desempenho leitor e de compreensão dos textos, demonstrando o evidente aumento do letramento textual.

Palavras-chave: Ensino-aprendizagem, Letramento, Estigmatização, Desempenho Leitor.

INTRODUÇÃO

A desigualdade na aprendizagem, assim como as desigualdades econômica e social, pode ser observada nas escolas públicas brasileiras. Ela se manifesta, muitas vezes, travestida de dificuldade de aprendizagem, quando na verdade trata-se de ausência de experiências de

¹ Graduanda do Curso de Letras do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – IFSP câmpus Salto, foi bolsista PIBID entre os anos de 2022 e 2024, marta.assis@aluno.ifsp.edu.br ;

² Professora de Língua Portuguesa da Rede de Ensino Estadual de São Paulo, professora supervisora do PIBID Letras IFSP câmpus Salto, elianacamargoreis@prof.educacao.sp.gov.br ;

³ Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – IFSP câmpus Salto, foi coordenadora de área do PIBID Letras IFSP câmpus Salto entre os anos de 2002 e 2024, elianeab@ifsp.edu.br .





letramento antes e durante a vida escolar. Ao direcionar a dificuldade de aprendizagem como um evento individual, a escola retira a responsabilidade pela produção da exclusão e da desigualdade social da sociedade capitalista em que vivemos que, coletivamente, com sua divisão em classes, permite que alguns aprendam, verdadeiramente, enquanto que outros não.

As atividades objetos de análise do presente artigo foram produtos de trabalho pedagógico dentro do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à docência - PIBID 2022/2024, a partir de convênio celebrado entre o IFSP e uma escola estadual, ambos localizados em Salto/SP. Este trabalho, fruto de reflexão coletiva produzida por Estudante Bolsista, Professora Supervisora e Coordenadora de Área, pretende relatar experiências e refletir sobre elas, a partir de propostas de produções realizadas junto a uma aluna do Ensino Fundamental II, do 6º ano, a quem chamaremos pelo nome fictício Beatriz, durante o ano de 2023 e início de 2024. Referimo-nos a produções de escrita e interpretação de leitura de textos literários, durante atividades de reforço escolar, uma vez que ela apresentava grandes dificuldades de leitura em voz alta e baixo domínio do léxico da língua.

METODOLOGIA

Este trabalho consiste em um estudo de caso desenvolvido em forma de relato de experiência, gênero de pesquisa que, na visão de Mussi; Flores; Almeida (2021), consiste em um “tipo de produção de conhecimento, cujo texto trata de uma vivência acadêmica e/ou profissional em um dos pilares da formação universitária (ensino, pesquisa e extensão), cuja característica principal é a descrição da intervenção”. Dessa forma, a vivência da estudante pibidiana Marta se torna objeto de aprendizado, à medida que suas propostas de intervenção contribuem para a construção do estudo, de forma relevante, contendo embasamento científico e reflexão crítica. Do mesmo modo, as informações sobre a aluna são trazidas, para que possam ser instrumento de diálogo com as referências estudadas, que dizem respeito ao processo de letramento, que possui também uma dimensão social.

Marta iniciou, em fevereiro de 2023, sob o acompanhamento de Eliana, professora supervisora, um trabalho pedagógico individualizado com diversos alunos dos sextos e sétimos anos do ensino fundamental que apresentam maiores dificuldades com a produção de textos escritos e, no momento inicial, os atendimentos eram organizados em grupos de quatro a cinco alunos, com atividades previamente pensadas para tratar destas dificuldades. Com o



decorrer dos primeiros meses, percebemos que o atendimento individualizado seria mais frutífero, podendo a estudante bolsista formular e aplicar as práticas de forma mais efetiva, uma vez que o tempo disponível era exíguo.

A escola na qual se desenvolveu o estudo faz parte da rede pública estadual, atende alunos do ensino fundamental II, período integral, recebe alunos de diferentes bairros da cidade, conta com nove salas de aulas, sendo três nonos anos, dois oitavos, três sétimos e dois sextos anos, com total de 297 alunos.

A grade curricular da escola de tempo integral difere das escolas de tempo regular, sendo que há disciplinas de Orientação de Estudos, Práticas Experimentais e Protagonismo Juvenil, além das disciplinas comuns propostas pela BNCC.

Com relação ao contexto social da aluna, observamos que ela apresentava pouca familiaridade com o texto escrito, denunciando que, provavelmente, por conta de sua condição social familiar, ela teve pouco ou nenhum letramento durante a infância. No que se refere ao contato com livros, percebe-se que o repertório se restringia única e exclusivamente ao acesso a eles na unidade escolar, uma vez que a família não possui condições de adquiri-los e também não possui o hábito da leitura. Dessa forma, seu processo de aprendizagem e ampliação do repertório cultural depende quase exclusivamente das atividades pedagógicas realizadas na escola, tornando essencial a implementação de estratégias que favoreçam a leitura dentro e fora do ambiente escolar.

A criança informou que a família não possui a própria casa e que, recentemente, o pai esteve, durante algum tempo, desempregado e a mãe, que deu à luz à outra filha recentemente, trabalhava como diarista. A aluna, filha mais velha de três irmãos, relata que precisa ajudar na rotina da casa e que, quando chega da escola, precisa ajudar a cuidar da irmã menor. Informa também que tem pouco acesso a cinemas, museus ou teatros, o que torna suas horas de lazer restritas a passeios simples com a família ou idas à igreja. Durante as férias escolares, visitou apenas familiares no interior, ficando com os primos e tios, não relatando qualquer atividade de lazer ou de letramento, ou seja, há incentivo diário apenas à realização de pequenas tarefas em casa, além da falta de hábito de leitura da família, sendo fundamental a realização das atividades extras desenvolvidas na escola e o oferecimento de livros que ela possa levar para casa.





A partir destes elementos, torna-se possível identificar o papel da escola na formação desta e outros estudantes, que dependem do conhecimento escolar para que tenham acesso ao mundo letrado e, a partir dele, desenvolver conhecimentos mais elaborados.

As principais dificuldades apresentadas pela aluna se mostraram na leitura, escrita e entender (ler e compreender) a letra cursiva.

Ao longo dos bimestres, além das aulas regulares e das atividades individualizadas conduzidas pela bolsista do PIBID com a aluna, foram disponibilizados livros específicos para leitura domiciliar. Após a devolução das obras, foram realizadas abordagens orais para verificar o envolvimento da aluna com o conteúdo. As perguntas, formuladas de maneira verbal, envolvem aspectos como a compreensão da narrativa, a identificação dos personagens e a avaliação pessoal sobre a história, sem o uso de atividades escritas. As respostas da aluna indicaram uma interação reflexiva com as leituras. Os livros escolhidos apresentaram histórias curtas e utilizaram uma linguagem acessível, o que facilitou tanto a compreensão quanto a expressão das devolutivas por parte da aluna.

As atividades da estudante bolsista com a aluna iniciaram-se em abril de 2023. Beatriz estava cursando o sexto Ano do Ensino Fundamental, recém-chegada de uma escola da rede pública municipal do município de Salto/SP; a bolsista do PIBID percebeu que ela apresentava grandes dificuldades na leitura de textos simples, o que prejudicava o desempenho na escrita, além de demonstrar um vocabulário pobre e restrito, parecendo ter pouca familiaridade com os textos escritos.

O trabalho com Beatriz foi realizado em separado da classe regular, uma vez por semana, às quintas-feiras, no horário das aulas de Língua Portuguesa da professora supervisora, responsável pela turma, e pretendia auxiliar a aluna a superar as dificuldades com a leitura e a escrita, utilizando, inicialmente, textos simples, com a realização da leitura pela aluna, bem como exercícios para desenvolver o vocabulário, visivelmente limitado, que ela apresentava, percebido em nosso primeiro encontro.

Em seguida, foram escolhidos os textos literários: “O reizinho mandão”, de Ruth Rocha (1995), a versão adaptada de “Oliver Twist”, de Charles Dickens (apud Cabral, 2002) e, a partir deles, fomos inserindo novas atividades que estimulassem Beatriz. Tivemos uma atividade envolvendo a leitura uma fábula, de modo que ela pudesse recordar sobre a organização de um texto narrativo, trabalhar os seus significados estimular a escrita; em seguida uma atividade com uma propaganda e outra com escrita de um texto narrativo



proposto pela escola, com a consequente reescrita do texto. Encerramos as atividades de 2023, com uma atividade a ser desenvolvida em casa, um diário de viagem, uma vez a aluna iria viajar de férias com a família, que seria analisada após o retorno, em 2024.

Estas escolhas foram feitas porque entendemos que o aumento da disponibilização de textos, o trabalho com a oralidade e a ortografia iriam contribuir para aumentar, ainda mais, o limitado repertório vocabular da aluna, uma vez que não percebemos limitações cognitivas, empecilhos emocionais ou outras condições que pudessem inviabilizar a aprendizagem.

As abordagens, durante a aprendizagem, foram, sempre, no sentido do encorajamento e da aceitação por parte da estudante bolsista, das visíveis dificuldades, mas com vistas ao protagonismo da aluna em seu processo de aprendizagem, sem queixumes, interrupções, correções a todo momento, permitindo que ela ganhasse confiança tanto nas atividades de leitura e escrita quanto na docente.

Ficou evidente que o processo de aprendizagem não acontece se não houver uma parceria positiva e propositiva. Com o desenrolar das atividades, o engajamento da Beatriz, sua participação ativa e os ganhos ficaram evidentes, apesar do pouco tempo disponível.

Detalhando as atividades desenvolvidas

As atividades começam em 29/03/2023, com a leitura da página inicial do livro “O gato Malhado e a andorinha Sinhá”, de Jorge Amado, para verificarmos em que condições a leitura em voz alta acontece, aproveitando o momento para desvendar os significados do texto e de palavras lidas. Tratamos também sobre sua rotina de leitura em casa e na escola anterior, seus gostos, seus passatempos e suas apreensões.

Demos continuidade, em 06/04/2023, com atividades a partir do texto “O reizinho mandão”, de Ruth Rocha, das páginas 06 e 07, com a aluna lendo em voz alta, interpretando oralmente e por escrito e escrevendo palavras, para aprender e incorporar ao seu limitado léxico. Assim seguimos, quase que semanalmente, desenvolvendo duas páginas do texto literário de cada vez. Em 23/05/2023, em virtude de a sala regular estar trabalhando com o texto narrativo, aplicamos, também, a atividade com o texto da fábula “A rã e o boi”, de Esopo, apresentando as partes constituintes da narrativa, além de praticar, mais uma vez, a leitura e a compreensão.

Percebemos na atividade que a aluna realizou que, apesar das dificuldades com a escrita, a percepção dos significados do texto estudado é pertinente. Neste momento do



trabalho pedagógico, a aluna demonstra grande insegurança na leitura, parecendo não conhecer algumas palavras, como xereta, terminantemente e tolíces.

A partir de observações sobre o desempenho da aluna, em 06/06/2023 iniciamos as atividades com a leitura (pela bolsista) do primeiro capítulo de “Oliver Twist”, de Charles Dickens (*apud* Cabral, 2002) e, a partir de 13/06/2023, elaboramos e aplicamos uma atividade escrita, em que a bolsista realizava a leitura, em virtude de ser um texto mais complexo, seguida de levantamento dos significados do texto e das palavras novas e em seguida, a aluna fazia um breve resumo escrito do assunto tratado na leitura.

Nesta atividade, após a realização pela aluna, percebemos que o entendimento do texto é adequado e atividades com as palavras que a aluna não conhecia foram muito satisfatórias, uma vez que oralmente ela foi capaz de explicar os significados com as próprias palavras.

No encontro de 15/08/2023, demos continuidade com as atividades com os textos já mencionados acima. Em 22/08/2023, ela desenvolveu uma atividade com o gênero textual – propaganda, realizando a interpretação da mensagem, tanto oral quanto por escrito. Em virtude de a sala regular estar produzindo um texto narrativo para Redação Paulista, com o tema “O homem que seguia as pessoas”, que a aluna havia escrito em 22/08/2023, produzimos uma atividade que propiciasse a reescrita do texto, ajudando a aluna a identificar suas partes constituintes e a grafia correta de determinadas palavras.

Retomamos as atividades com o texto “O reizinho mandão” e “Oliver Twist” em 03/10/2023, continuando em 14/11/2023 e, em 21/11/2023, propusemos a atividade de férias de um diário de viagem, em que ela relataria, por escrito, todos os acontecimentos, desde a saída até o retorno, após apresentar para a aluna o texto “Diário da Julieta”, de Ziraldo. Esta produção seria analisada no retorno às aulas, em fevereiro de 2024. Continuamos com as atividades com os textos literários em 28/11/2023 e 5/12/2023, encerrando as atividades do ano de 2023.

Em 06/03/2024, na retomada das atividades, retomamos as atividades já iniciadas, com a modificação de que a leitura dos capítulos do livro de Charles Dickens (*apud* Cabral, 2002) passou a ser realizada pela aluna e, em 02/04/2024, analisamos a produção do diário de viagem, para correção e esclarecimento das dúvidas sobre a estrutura do gênero textual – diário. Em 16/04/2024, em virtude do tempo escasso, realizamos apenas a atividade referente ao oitavo capítulo de “Oliver Twist”. As atividades do livro “O reizinho mandão” foram



finalizadas em 23/07/24 e finalizamos os atendimentos com a atividade do nono capítulo de “Oliver Twist”.

Nesta última atividade, foi possível identificar uma evidente evolução na leitura e na escrita com a interpretação, agora, do texto como um todo, apesar de ainda apresentar dificuldades com a ortografia de diversas palavras, com as quais, como pudemos perceber, ela tem familiaridade apenas na oralidade.

Ao final, podemos constatar, ao observarmos, por meio da atividade realizada, a forma pela qual a estudante progrediu em seu processo de aquisição da leitura e da escrita. Numa atividade final, na qual foi proposto que ela realizasse as leituras desde o sétimo capítulo, o entendimento do texto foi muito apropriado, apesar de a escrita ainda refletir, em alguns trechos, a oralidade (logo, té, leva, preocuparam).

REFERENCIAL TEÓRICO

Iniciamos esta seção com o seguinte questionamento:

É suficiente, para a vida em sociedade, apenas aprender a ler e escrever na escola?

Segundo Soares (2018, p. 133), “a plena inserção no mundo da escrita pelo exercício competente da leitura e da escrita, envolve pelo menos três complexas dimensões: linguística, cognitiva e sociocultural”. Para a autora, a dimensão linguística envolve a conversão da oralidade em escrita; já a cognitiva pressupõe as interações que a mente realiza tanto na aquisição do código linguístico quanto na produção de sentidos e a sociocultural refere-se à adequação dos textos de acordo com as práticas sociais.

Soares (2018) reforça que a complexidade do processo fez surgir vários métodos de alfabetização, tais como o ensino explícito do código linguístico, ensino da compreensão dos textos e do uso adequado da língua escrita e ensino do código e a produção de textos de diferentes gêneros e o uso da escrita em experiências reais de leitura e escrita.

A partir das proposições de Soares, surge a pergunta: ser alfabetizado é suficiente para participar efetivamente da sociedade atual? Eis que temos agora a área de estudos chamada de letramento que, segundo Kleiman (1995), é quando vemos crianças de alguns grupos sociais que são letradas, isto é, possuem estratégias orais letradas, antes mesmo de serem alfabetizadas. Temos como exemplo da autora:





(...) Uma criança que compreende quando o adulto diz ‘olha o que a fada madrinha trouxe hoje!’ está fazendo uma relação com o texto escrito, o conto de fadas. Assim, ela está participando de um *evento de letramento*...(...); também está aprendendo uma *prática discursiva letrada* e, portanto essa criança pode ser considerada letrada, mesmo que ainda não saiba ler e escrever. (KLEIMAN, 1995, p. 18).

Kleiman (1995, p. 18) conceitua letramento como “um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, como sistema simbólico e como tecnologia, em contextos específicos.” A alfabetização, então, passa a ser entendida como um tipo de prática de letramento, obtida na agência de letramento – a escola. Outros espaços sociais ou agências de letramento, tais como a igreja, a família, o ambiente de trabalho, acontecem outras práticas letradas, que precisam, também, ser aprendidas.

A partir do que foi apresentado acima, precisamos discutir como as crianças de diferentes classes sociais chegarão à escola. Enquanto a criança das classes sociais mais altas, têm acesso aos textos (histórias infantis) desde muito cedo e à leitura (ainda que não esteja alfabetizado) seja estimulada e todo e qualquer progresso é amplamente estimulado, a criança mais pobre, como é o caso de Beatriz, provavelmente, não terá sido incluída nestas importantes práticas letradas.

Então, segundo estudos apresentados por Kleiman (1995), a partir do quarto ano na escola regular, surgem diferenças entre estes dois grupos que ficarão evidentes, pois as práticas letradas já produzidas pelas crianças em outros ambientes, além da escola, trarão vantagens para o grupo das crianças de classes mais altas, em detrimento das outras crianças que ainda não estão inseridas, efetivamente, nestas práticas.

Outro importante aspecto apresentado por Rojo (1998, p. 192), a partir de suas pesquisas, é que “(...)a precariedade do letramento do professor, consequente de suas concepções sobre a escrita e de sua limitada experiência como leitor e escritor, não lhe permite assumir um papel crítico em relação ao conteúdo do currículo e do programa (...)” As consequências disso são a incapacidade de o docente promover transformações, usando as práticas letradas, limitando o papel da escola no processo de aquisição da escrita.

No trabalho com Beatriz, ficou claro como o acesso à leitura de diferentes textos buscando incentivar a autonomia da mesma, bem como as propostas de escrita voltada ao contexto social, proporcionou novas conexões e expandiu a possibilidade de aprendizagem, de forma que a leitura e a escrita passaram a fazer sentido para a estudante.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

Podemos perceber, claramente, que as condições sociais dos alunos e de sua família são fatores fundamentais na produção do letramento na infância, e percebemos que tais condições são quase inexistentes no caso da aluna acompanhada. A ausência de condições financeiras adequadas, uma vez que a família luta diariamente pela sobrevivência, coloca o aluno, mesmo aquele que não tem nenhuma condição patológica, em desvantagem. Não é surpresa termos encontrado na aluna um vocabulário limitado, além da pouca familiaridade com a leitura em voz alta.

Assim, ao indicar que as dificuldades estão apenas no aspecto individual, a escola camufla os inúmeros e graves problemas sociais que nos cercam e que podem ser importantes fatores que contribuem para o baixo desempenho escolar e para a sua solução.

Mattos (2005) fez quatro grandes constatações acerca do papel desempenhado pelos docentes, de maneira geral. A primeira é a grande dificuldade em lidar com as diferenças individuais dos alunos, deixando transparecer o desejo de um processo de ensino/aprendizagem homogêneo e simultâneo, desconsiderando a velocidade e o modo diferentes com que cada um aprende. A segunda é que o professor dificilmente questiona os seus métodos e se eles são estimulantes para os alunos, concentrando as causas, majoritariamente, nos estudantes. A terceira é o despreparo e a negligência dos docentes, quando diante de aspectos emocionais no processo educativo, demonstrando dificuldades de lidar com altas demandas de atenção. A quarta e última é a demanda por comportamentos submissos e aceitáveis, como se estes comportamentos não tivessem qualquer relação com o ambiente escolar e a dinâmica da sala de aula.

Frequentemente, declara Patto (1990), a submissão dos alunos é tratada como fator fundamental para que a aprendizagem aconteça, levando a escola a declarar patológicos todos os comportamentos diferentes ou considerados inadequados e acreditar que o resultado da aprendizagem pode ser modificado apenas com a obtenção de laudos médicos e uma provável medicalização.

Diante das crescentes dificuldades encontradas no ambiente escolar, os professores passam a se sentir impotentes e incapazes de lidar com a realidade, tanto pela pressão emocional quanto pela falta de preparo técnico. A consequência direta deste estado de coisas, segundo Mattos (2005), é a busca por respostas fora da realidade social: dificuldades





cognitivas dos estudantes, comportamento inadequado, responsabilização da família ou, ainda, designar a agentes externos (psicólogos, terapeutas e médicas, por exemplo) a responsabilidade pela ineficácia da aprendizagem.

É importante salientar que o trabalho com a aluna Beatriz desvelou uma realidade perversa: ela (e seus colegas em mesmas condições sociais) estará sempre atrasada em relação a crianças com melhor situação financeira e nas quais a família valoriza o letramento no contexto familiar. A vida dela, assim como tantas outras crianças e adolescentes que estudam em escolas públicas, estará sempre em desvantagem e ela precisará se esforçar muitas vezes mais para adquirir formações de boa qualidade e, assim, quebrar esta cadeia da pobreza, que condena avós, filhas e netas a se perpetuarem em profissões totalmente desprestigiadas e de baixa remuneração. Para que a escola possa ser promotora de mudança social para a nossa menina, assim como foi para a bolsista, filha de família pobre e com uma mãe alfabetizadora, é preciso que a visão dos professores deva ser completamente mudada e deixe de focar apenas no aluno, mas tenha esta visão de como a nossa sociedade, brutalmente desigual, se organiza.

A mudança, começando com o docente, permite que toda a comunidade escolar tenha um novo olhar para as dificuldades de aprendizado, deixando de “responsabilizar” o aluno pelo seu fraco desempenho. Acreditamos que esta mudança somente será possível quando o professor conhecer o que significa o LETRAMENTO e como ele acontece e o valorize na construção de todos os nossos conhecimentos sistematizados.

Neste sentido, o trabalho desenvolvido no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) é de fundamental relevância tanto no processo de formação docente quanto na melhoria da qualidade da educação básica. Observa-se que o PIBID não apenas promove uma integração prática entre teoria e ação pedagógica, mas também fortalece o vínculo entre a formação inicial dos futuros professores e a realidade das escolas atendidas.

A parceria entre a professora supervisora e a bolsista se faz necessária, para o sucesso do programa, pois possibilita a troca de experiências, conhecimentos e práticas pedagógicas. A experiência em sala de aula da professora supervisora leva a orientar o bolsista em sua trajetória inicial, contribuindo para o desenvolvimento de competências profissionais e estimulando a reflexão sobre os desafios e as possibilidades do ensino. Por outro lado, o bolsista, ao trazer ideias inovadoras e teorias recentes, estudadas nos diversos componentes curriculares de seu curso superior, colabora para a renovação das práticas escolares, enriquecendo o ambiente educativo e a visão da professora supervisora.





Essa interação promove diálogos produtivos em sala de aula aos alunos que são acompanhados pelos estudantes bolsistas do programa PIBID. Desenvolvendo metodologias planejadas e direcionadas às reais necessidades dos alunos, de forma que promovam um ensino com aprendizagem significativa. Além disso, o PIBID fomenta uma cultura de valorização da docência, incentivando a continuidade do aperfeiçoamento profissional e fortalecendo o papel da escola como espaço de aprender, ser e conviver.

Assim, a articulação entre bolsista e professor supervisor é uma via de mão dupla, na qual ambos aprendem e crescem de forma conjunta, proporcionando benefícios concretos para comunidade escolar, contribuindo para uma educação mais inclusiva, dinâmica e alinhada com as necessidades dos alunos.

A instituição superior que adere ao Programa, por meio das reuniões semanais / quinzenais promovidas pelo professor que atua como Coordenador de Área, com a colaboração de cada um dos professores colaboradores também possui um papel importante na construção do processo e se coloca em constante aprendizado, a partir do momento em que o professor que atua na rede pública compartilha com o grupo de bolsistas suas dificuldades e inquietações e, a partir delas, o curso como um todo pode rever conceitos e metodologias, adequando-os à realidade na qual os licenciandos irão atuar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisarmos os resultados, ficou flagrante que a aluna Beatriz conseguiu desempenhar as leituras e as atividades de forma satisfatória, com um ganho apreciável no seu desempenho leitor e de compreensão dos textos, além de termos percebido um completo engajamento da criança nas atividades, participando de forma leve, alegre e desejando sempre o próximo encontro. Tanto é assim que, ao final, ela apresentou excelente desenvoltura na leitura de textos maiores, tendo apenas dificuldades quanto ao léxico, ao qual não estava completamente familiarizada.

Podemos afirmar que os objetivos de aprendizagem foram alcançados, mesmo que de forma parcial, pois a aluna desenvolveu leitura autônoma, interpretativa e escrita com assertividade, bem como um avanço significativo no processo de aprendizado, refletindo diretamente na sua capacidade de produzir conhecimento de forma mais independente e crítica, sendo que esse impacto positivo foi observado nas demais disciplinas, visto que a





leitura e a escrita são habilidades fundamentais para a compreensão e a interação em diferentes conteúdos escolares.

A continuidade do acompanhamento é fundamental para o desenvolvimento contínuo esperado ao longo dos ciclos, sendo que se espera que a aluna desenvolva ainda mais a leitura e a escrita, com as atividades adaptadas à sua necessidade.

Dessa forma, este estudo de caso que aqui se apresenta, resulta de uma reflexão coletiva, proporcionada pelo PIBID enquanto programa de formação. Por isso a questão “O que podemos aprender sobre letramento COM os estudantes da escola pública?” se mostra pertinente neste artigo, pois acreditamos que, mais que trazer respostas, alunas como Beatriz tem muito a nos ensinar enquanto educadores, a nos questionar cada vez mais e a continuar buscando e construindo caminhos para ensinar / aprender.

REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. **O gato malhado e a Andorinha Sinhá**. Rio de Janeiro: Record, 1976.

CABRAL, Rodrigo E. [Adaptado da obra de] Charles Dickens. **Oliver Twist**. São Paulo: Rideel, 2002.

KLEIMAN, Angela (Org.). **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

MATTOS, Carmen L. G. O conselho de classe e a construção do fracasso escolar. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 215-228, maio/ago. 2005.

MUSSI, Ricardo Franklin de Freitas; FLORES, Fábio Fernandes; ALMEIDA, Claudio Bispo de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 17, n. 48, p. 60-77, out. 2021. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-26792021000500060&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 21 fev. 2025. Epub 25-Nov-2021. <https://doi.org/10.22481/praxisedu.v17i48.9010>.

PATTO, Maria. H. S. **Psicologia e ideologia**: uma introdução crítica à psicologia escolar. São Paulo: T. A. Queiroz, 1987.

ROCHA, Ruth. **O rezinho mandão**. São Paulo: Quinteto Educacional, 1995.

ROJO, Roxane (Org.). **Alfabetização e letramento**: perspectivas linguísticas. Campinas: Mercado das Letras, 1998.





SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contexto, 2018.

ZIRALDO. **Diário da Julieta 3**: o blog de férias da Menina Maluquinha. Rio de Janeiro: Globinho, 2013.

